



Perna de Pau (Bumba-meu-boi), 1944



Jaraguá (Alma do Outro Mundo dos Animais, Bumba-meu-boi), 1944

Um pintor pernambucano

Inspirando-se nos motivos folclóricos nordestinos, indo morar em 1933, no interior de Pernambuco, na usina de açúcar de seu pai, Lula Cardoso Ayres iniciou suas pesquisas e seus estudos nas fontes que o lugar lhe proporcionava.

Estudou e analisou a fundo a paisagem regional com suas cores, os tipos e costumes característicos, a arte popular com sua cerâmica e ex-votos de madeira.

Começou pintando-os com a maior fidelidade, o maior realismo, donde uma série de telas quase documentárias (1941). Mais tarde, inspirado nas formas da cerâmica ingênua, procurou fixar cenas e costumes da zona dos canaviais, onde morou até 1944. Dessa fase há uma série de telas interessantíssimas, cheias de uma cativante singeleza, traduzida com o auxílio de cores impressionantes, — seus vaqueiros — seus bois — suas figuras — seus brinquedos — toda essa cerâmica popular, que Lula colecionou e à que parece ter infundido realmente um forte sopro de verdadeira vida, o que fez com ele se puzesse a olhar a natureza com a mesma liberdade dos ceramistas populares.

Depois com a magia fantasmagórica do "Bumba-meu-boi", cujos aspectos ficou entre 1942 e 1945, passou para o mundo dos mal-assombrados.

Morando desde menino em velhos sobrados do Recife e casas-grandes dos engenhos sobrados e casas-grandes mal-assombradas, ouvindo as histórias de Almas do Outro Mundo contadas por amas e pretos velhos dos engenhos de açúcar, viveu num mundo de fantasia, onde essas histórias de almas se misturavam com as histórias da vida.

Hoje, Lula, como se efetivamente houvesse vivido com elas, recorda-se das almas penadas sentadas nos velhos sofás de jacarandá e das almas das noivas que morreram no dia do casamento. De 1945 a 1947 pintou muitos quadros de fantasmas, de almas dos mortos vagueando pela terra em aéreo véu, não imaginando apenas as feições invisíveis dos seres mas também com a mesma amplitude as tonalidades não conhecidas da alma.

Segundo as crenças populares, os lugares mais frequentados de tais aparições são os cemitérios de igrejas antigas.

No momento atual, Lula está empenhado em trabalhar em colaboração com Gilberto Freyre, o grande patriarca do movimento artístico e intelectual do norte. Trata-se de ilustrações para um livro que será inteiramente novo, não só na literatura como na arte do livro ilustrado no Brasil. Esse livro terá por título "Assombrações do Recife velho" e nele serão evocadas, em texto de Gilberto Freyre, as histórias mais frisantes da tradição recifense de mistérios e casos sobrenaturais. Não se trata de obra de improviso e sim do resultado de uma longa pesquisa, acerca desse difícil assunto, pesquisa essa durante a qual Gilberto Freyre e Lula percorreram cemitérios de igrejas antigas e colheram numerosos depoimentos de pessoas de idade.

Como se vê, as visões dos mal-assombrados ainda hoje continuam a interessar o espírito de Lula, assim como as formas simples e harmoniosas da cerâmica popular, os bichos fantásticos do "Bumba-meu-boi", a policromia viva das fantasias do carnaval recifense. Todos esses são os elementos que o ajudam agora a realizar uma pintura que possa viver preferentemente seus valores plásticos e de suas cores: uma pintura mais livre do anedótico e do quase documentário, dominantes em seus quadros — embora considere ele todas essas tentativas precedentes de grande utilidade para o que possa vir a pintar posteriormente.

O mundo de sua infância, a terra do massapé e dos canaviais, os traços e detalhes da vida popular de sua terra, que ele soube tão bem penetrar, permanecem ainda vivos na imaginação de Lula.

Lula continua a contar as histórias que tem na cabeça e a transmitir suas emoções, mais pela pintura em si do que por aquela sua antiga face ilustrativa.

O outrora havia, talvez, uma fusão mais profunda do seu espírito com a natureza, uma preocupação maior do assunto e uma documentação romântica de todos os caracteres do seu país. Hoje seu estilo afirmou-se na potência plástica, na segurança da composição, na admirável simbolização do caráter e na riqueza expressiva do colorido.

Visão (Bumba-meu-boi), 1944



PINTURAS DE LULA CARDOSO AYRES



Bicho Foiara (Bumba-meu-boi), 1944



Vista do Eito (Assombrações), 1945



Fugindo a cavalo (Assombrações), 1946



Na rede (Assombrações), 1946



De Morte (Assombrações), 1946



Casa grande e Senzala (Assombrações), 1946

PINTURAS DE LULA CARDOSO AYRES



Margaridas (Bumba-meu-boi), 1944

Vestindo a Noiva (Assombrações), 1946



Matheus e Bois (Bumba-meu-boi), 1944

Emas (Bumba-meu-boi), 1944



O Meu Boi morreu (Bumba-meu-boi), 1944



Carregando banguê (Assombrações), 1945



Enterro (Assombrações), 1946

Diabos (Bumba-meu-boi), 1944



Caiporas (Bumba-meu-boi), 1944



PINTURAS DE LULA

Folclore nas artes plásticas

Pernambuco, com seus costumes, suas lendas e seu folclore, é uma continua fonte de inspiração para nossos artistas que lhe sentem e compreendem o ambiente e o clima. As tradições populares daquela região nordestina, com seus "maracatús", "caboclinhos", "Bumba-meu-boi", não podem deixar de provocar as mais profundas impressões na mente de certos pintores. Reminiscência africana, depois cristianizada através dos santos prediletos dos negros, é o "maracatú" dentro das nossas dansas dramáticas, talvez a mais interessante. Hoje adaptou-se ao Carnaval e pelas ruas do Recife com um ritmo marcado, martelante, obsessivo, com uma estranha coreografia, com a imponência de um cortejo real, desfilam o Rei e a Rainha do maracatú precedidos pela sua côrte. Empunham cetros, tem coroas na cabeça, ricas roupas, ricos mantos e seus *fetiches* religiosos nas mãos.

Lula Cardoso Ayres

